Este documento compõe parte de um levantamento de textos, publicações, pesquisas e um variado conjunto de materiais textuais produzidos pelo Núcleo de Pesquisa do Museu Afro Brasil. Atuante desde 2007 e integrado por diferentes pesquisadores, o núcleo de pesquisa dedica-se a investigar temas relacionados ao acervo do Museu, bem como estende suas atividades aos demais núcleos de atuação no interior da instituição.

POR FAVOR, tenha em consideração que este texto pode ter sido utilizado para fins específicos no interior da instituição, isto é, dentro de contextos pontuais da dinâmica museológica. De qualquer modo, sua publicação almeja contribuir para o acesso por pesquisadores e estudantes a temáticas e campos ainda pouco explorados.

Como citar esse texto:

SILVA, Renato Araújo da. Emblemas e Signos: Rubem Valentim e José Adário. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013. Disponível em: [<CITAR FONTE ONLINE>]. Acesso: [CITAR DATA]

Emblemas e Signos: Rubem Valentim e José Adário

Resumo: Apresentação de parte do acervo do Museu Afro Brasil com obras dos artistas Rubem Valentim e José Adário. Texto curatorial elaborado para a exposição itinerante homônima promovida pelo Sesc Catanduva e pelo Museu Afro brasil, com apoio Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP).

Palavras-chave: Emblemas e Signos: Rubem Valentim e José Adário, SESC-Catanduva, Renato Araújo da Silva, Museu Afro Brasil.

Não é à toa que se diz que o "início" do Brasil se deu na Bahia... Seja com o "Monte Pascoal" ou com a cidade de "Porto Seguro", o começo oficial do Brasil, entendido como a chegada dos portugueses no território onde hoje é o Sul Bahia, trouxe alguns reflexos para a cultura brasileira em geral. Tendo sido Salvador a Capital do Brasil até que o Rio de Janeiro tomasse este posto (mas apenas em 1763), é certo que a Bahia tem muito do que podemos chamar de emblemático e significativo do que somos e do que nos constituiu historicamente enquanto povo.

A figuração simbólica de um país por vezes vem atribuir à coletividade também um "porto seguro" sob o qual possa aportar. As formas do candomblé, a simbologia que elas representam são os signos de um Brasil mágico frequentemente experimentado por muitos de nós. E é por este motivo mesmo que estas figurações constituem em si um grande valor para uma das mil identidades da "arte brasileira". Que outro lugar senão no Brasil se poderia exaltar a riqueza

formal e mítica de sua religiosidade; a força, originalidade e prosperidade de suas formas artísticas?

O que vemos aqui nesta exposição Itinerante do Museu Afro Brasil é uma união horizontal de dois artistas trabalhadores (ambos baianos) que se apresentam por meio de seus signos e emblemas, isto é, não por meio de mistérios inatingíveis ou fetiches de uma classe, mas na forma de sinais e marcas de um Brasil afro-brasileiro todo nosso, explicitados numa exposição que podemos chamar ao mesmo tempo de "simbólica" e "alegórica". Fazer "alegoria" é falar de algo usando outra roupagem, outra aparência. Falar de "símbolos", que pode parecer enigmático para muita gente, não é nada mais que fazer uma representação sintética de ideias. Por isso, quando se trata de artistas trabalhadores fiéis aos símbolos que retratam, eles formam em sua arte um Brasil que se distingue, que afirma suas formas, imagens e figuras próprias e que, portanto, estas podem ser compreendidas coletivamente e divulgadas como sendo coisas nossas, imagens, ideias do Brasil.

O artista plástico Rubem Valentim (Salvador/BA, 1922 – São Paulo/SP, 1991), foi premiado mais de 13 vezes no Brasil e no exterior e, desde 1955, utilizou-se da estética geométrica e da composição simétrica ao referenciar a simbologia religiosa na escultura e na serigrafia, geralmente com o emprego de cores contrastantes. É óbvio que suas obras não tratam de "Candomblé" em si mesmo, não são peças de culto religioso, mas obras de arte. Porém, alçando as formas do candomblé ao mundo da arte Valentim passou a ver nos instrumentos simbólicos, nas ferramentas do candomblé, um tipo de "fala", uma forma de poética visual brasileira capaz de configurar e sintetizar seus interesses como artista.

O ferreiro José Adário (Cachoeira/BA, 1947), por sua vez, também ganhou reconhecimento internacional. Sua habilidade técnica e sua criatividade artística para produzir hastes e ferramentas emblemáticas dos orixás fez dele o escultor-ferreiro mais celebrado dos terreiros de candomblé da Bahia, mas também dentre os museus e outras instituições que lidam com estas temáticas no Brasil. As obras de José Adário resinificadas nestas instituições alçaram seu ofício ao patamar de uma produção de um candomblé que se faz arte. Sendo assim, o artista, o trabalhador, os devotos das divindades e o público de todos os santos encenam na criatividade que há em cada uma de suas próprias "artes" os distintos caminhos pelos quais haverão de nos levar à realização artística do Brasil. José Adário e Rubem Valentim, têm muito a nos oferecer ao passarmos por estes caminhos.